

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

GLAUCE DA SILVA FAVRE

**O AFETO NA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO**

Rio de Janeiro  
2005

Glauce da Silva Favre

## **O AFETO NA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO**

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia do Centro de Ciências Humanas e Sociais da UNIRIO, como requisito parcial para obtenção do grau de licenciatura plena, orientada pela Professora Dra. Maria Angela Monteiro Corrêa.

Rio de Janeiro  
2005

## **AGRADECIMENTOS**

*AOS MEUS PAIS LUÍZ E ELI POR TODO  
APOIO E DEDICAÇÃO*

AOS MEUS IRMÃOS ANDRÉ E DANIEL  
POR SEREM ESPECIAIS

A JÚLIA POR SEU ENCANTAMENTO

AO BORIS PELAS DEMONSTRAÇÕES DE  
AFETO

AO EVANILDO POR FAZER PARTE DA  
MINHA VIDA

A PROFESSORA MARIA ANGELA POR  
SER SEMPRE GENTIL E COMPREENSIVA  
EM TODA ORIENTAÇÃO PRESTADA NA  
CONSTRUÇÃO DESTA MONOGRAFIA.

*(...) Tu falas, falas, professor,  
Daquilo que te interessa  
E que a mim não interessa...*

*Tu obrigas-me a ouvir,  
Quando eu quero falar,  
Obrigas-me a dizer,  
Quando eu quero escutar,  
Se eu vou a descobrir,  
Faz-me decorar...*

*E a luta, professor,  
A luta em vez do amor...  
Mas, enquanto tua voz zangada ralha,  
Tu sabes, professor,  
Eu fecho-me por dentro,  
Faço uma cara resignada,  
E finjo, finjo  
Que não penso em nada...*

*Mas penso!  
Penso em como era engraçada  
Aquela rã que esta manhã ouvi coaxar  
Que graça tinha  
Aquela andorinha, que no céu eu vi  
passar!*

*E quando tu vens, depois, vens definir  
O que são preposições e conjunções  
Quando me fazes repetir  
Que o coração tem dois ventrículos  
E duas aurículas...  
E tantas, tantas mais definições,  
O meu coração,  
meu coração que não sei como é feito  
e nem quero saber,  
cresce, cresce dentro do peito  
a querer saltar para fora, professor,  
a ver se assim compreenderias  
e me farias  
mais belos os meus dias.*

*Cecília Meireles*

## RESUMO

O estudo teve como objetivo refletir acerca da afetividade na relação professor - aluno no âmbito escolar, segundo autores conceituados no assunto. Verificou-se que o afeto influencia a velocidade com que se constrói o conhecimento, pois, quando as pessoas se sentem seguras, aprendem com mais facilidade. Destacou-se que o afeto e a cognição constituem aspectos inseparáveis, presentes em qualquer atividade em proporções variáveis. Notou-se a necessidade de uma constante auto avaliação de atitudes por parte do professor, já que este possui influência direta sobre os alunos. Conclui-se que uma boa relação professor-aluno permeada com afeto, respeito, alegria, elevação da auto-estima entre outros, favorece e enriquece o aprendizado.

**PALAVRAS-CHAVE:** afeto, relação professor-aluno, aprendizagem.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	06
<b>1. AFETO</b> .....	08
1.1. As atitudes no processo educacional.....	11
<b>2. A RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO</b> .....	15
<b>3. A AUTO-ESTIMA DOS ALUNOS</b> .....	26
<b>4. ALEGRIA</b> .....	30
<b>5. O AFETO NAS DIVERSAS FORMAS DE ARTE</b> .....	33
5.1. Livros.....	35
5.1.1. Sobre alguns livros que têm o afeto como tema principal.....	38
5.2. Filmes.....	39
5.3. Teatro.....	41
<b>CONCLUSÃO</b> .....	42
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	46

## INTRODUÇÃO

A escolha por um tema relacionado à afetividade se deu primeiramente por razões e experiências pessoais. Durante o período escolar todos passam por momentos marcantes que podem ser decisivos na vida adulta, momentos estes muitas vezes desconsiderados por educadores, principalmente no que diz respeito às relações vivenciadas.

Tenho muitas lembranças que até hoje são muito significativas; sejam elas positivas ou negativas, onde quase todas englobam o afeto entre professor e aluno.

As leituras feitas durante o Curso de Pedagogia que abordavam o tema afeto também me instigaram a realizar este trabalho. Não poderia esquecer dos livros “O pequeno Príncipe” de Saint- Exupéry, (este principalmente no capítulo vinte no qual o pequeno príncipe conversa com a raposa e fica sabendo da importância de se criar laços, e criar laços é uma demonstração de afeto) e a “Uma professora muito maluquinha” do Ziraldo, onde uma professora cativa seus alunos dando uma verdadeira aula do que é o afeto.

A educação é, antes de tudo, uma atividade social e já está provado que o desenvolvimento afetivo tem grande influência no processo de aprendizagem da criança. Contudo na prática, o professor quase sempre não considera essa perspectiva.

O professor tem que estar consciente que suas atitudes são primordiais na formação dos educandos, pois o aprendizado não se dá apenas pelo aspecto intelectual e racional. O ato de aprender também envolve sentimentos e emoções. O professor tem, sem dúvida, uma influência direta sobre seus alunos, a partir de sua personalidade, sua atitude, da relação que mantêm com seus alunos, seu modo de interpretar as normas da instituição.

Tratarei mais especificamente do afeto na relação professor aluno, através de uma revisão crítica de atitudes por parte do educador, já que este é um dos principais fatores que regem a motivação pelo aprender por parte do discente em formação.

É um dever do professor ter consciência do que pode representar um simples ato, um gesto, uma palavra e até mesmo um olhar para um aluno. Todos esses aspectos afetivos que aparentemente podem parecer insignificantes e passam muitas vezes despercebidos pelo professor, são os temas que pretendo refletir e abordar mais profundamente neste trabalho de final de curso.

Este estudo foi realizado através de uma pesquisa bibliográfica de autores conceituados em nossa literatura que enfocam o tema.

O trabalho está organizado em cinco partes. Na primeira, foi realizado um estudo sobre o domínio afetivo e sua importância no processo educativo. A segunda mostra como uma boa relação entre professor e aluno contribui para o ensino aprendizagem. A terceira e quarta falam dos componentes que englobam o afeto respectivamente a auto estima e a alegria, elementos fundamentais para o educando desenvolver suas potencialidades. A quinta parte aborda o afeto nas diversas formas de arte com indicações de alguns filmes e livros para quem se interessar mais sobre o tema.

Espero que este pequeno trabalho possa ajudar na reflexão sobre a conduta do educador e na sua interação com os educandos pois, é nela que o conhecimento e as formas de expressá-lo se constroem e se transformam.



## 1. O AFETO

O afeto é o único caminho para a educação.

Gabriel Chalita

O afeto se constitui em uma área de comportamento complexa e difícil de ser estudada. Porém, por acreditar em sua importância na construção do conhecimento, examinarei alguns conceitos fundamentais para a compreensão do domínio afetivo.

O dicionário Aurélio define a palavra afeto do *Latim Affect* como: *Afeição, simpatia, amizade, amor, sentimento, paixão, objeto de afeição* ( Ferreira, 1986, p.55).

O afeto é considerado o elemento básico da afetividade. A palavra afetividade, para se ter uma maior compreensão da palavra afeto, é definida como qualidade ou caráter de afetivo e conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob a forma de emoções, sentimentos e paixões, acompanhados sempre da impressão de dor ou prazer, de satisfação ou insatisfação, de agrado ou desagrado, de gostar ou não gostar, de aceitação ou rejeição, de alegria ou tristeza.

A palavra afeto está ligada a amizade, ao amor, ao sentimento, a paixão e a emoção, que são alguns elementos básicos para qualquer tipo de convivência ou interação. Em se tratando do ambiente escolar, esses elementos são imprescindíveis para uma boa relação professor e aluno. Há muitas formas de transmissão de conhecimentos, mas o ato de educar fica muito mais fácil quando este se dá com afeto, com amor.

O domínio afetivo é particularizado por envolver o comportamento denominado emoção que, por sua vez, é considerado como sendo a força propulsora

da dinâmica da personalidade, que representa uma interação complexa entre o contexto físico-social do indivíduo e o seu organismo total. A emoção ainda é vista como um aspecto irracional do ser humano, porém, a emoção não pode ser reduzida apenas aos reflexos primários, pois estes ultrapassam a noção de que estão ligadas aos conceitos de estímulos e respostas primitivas.

Por um lado, segundo Luck e Carneiro (1983), as pesquisas realizadas por Janis (1969), Mahl (1969), Kagan (1969) e Holt (1969) indicam que no comportamento predominantemente afetivo, ocorrem manifestações no corpo humano como mudanças em órgãos internos (coração, intestinos, estômago), nos músculos e na pele, de maneira a mobilizar o corpo inteiro para a atividade direcionada pela emoção, sentimento ou interesse.

Por outro, um comportamento predominantemente intelectual, como o da aprendizagem, ocorre porque é estimulado por um interesse, atitude ou apreciação e possibilitado por uma tensão neuromuscular que envolve desde o cérebro, até os órgãos sensoriais e os membros.

O comportamento humano, portanto, pode ser classificado em três aspectos: cognitivo (pensamento), afetivo (sentimento) e psicomotor (ação). Cada um dos aspectos podem ser tratados e estudados separadamente e de maneira independente, porém não podemos esquecer que o ser humano é um ser uno, indiviso e que seus comportamentos traduzem, ao mesmo tempo, a cognição, afetividade e psicomotricidade. É possível que um comportamento evidencie mais do que o outro, no entanto, os outros dois, embora menos intensos e até mesmo não aparentes, acham-se atuantes. Um grande número de pesquisas demonstram que os comportamentos cognitivos e afetivos não podem ser separados ( Bloom, 1976). Tudo aquilo que se aprende ou se deixa de aprender, e até mesmo aquilo que se esquece é fortemente influenciado por emoções e sentimentos diretamente ligados ao processo de aprendizagem.

A fragmentação desses três aspectos no processo educativo pode trazer sérias conseqüências negativas na formação do educando. O processo educativo em todo momento, deve procurar harmonizar as dimensões cognitiva, afetiva e psicomotora para que o desenvolvimento do aluno seja equilibrado.

A identificação da correlação entre os domínios afetivo e cognitivo são do maior interesse para a educação, uma vez que, por meio dela se poderá melhor influir sobre a promoção do desenvolvimento integral do aluno, ou seja, quando existe interesse por parte do aluno em realizar algum tipo de aprendizagem de caráter cognitivo, esta ocorre de forma mais fácil e eficaz. Conseqüentemente, quando o aluno compreende bem os conceitos de determinada matéria, tende a se interessar cada vez mais por ela.

Segundo Bruner (1974), não é tanto a aprendizagem cognitiva em si que provoca a formação e intensificação de interesses e atitudes, mas sim como essa aprendizagem ocorre, isto é, o processo é mais que o produto, pois determina os comportamentos afetivos. Isso explica a aversão que alguns alunos desenvolvem por algumas disciplinas, cujo conhecimento foi adquirido de forma penosa por causa de um professor, apesar de dominarem o conteúdo.

Luck (1983), ressalta a importância que todo processo educativo deve dar especial atenção ao domínio afetivo, não só como meio de facilitação de aprendizagens cognitivas, mas também e, acima de tudo, com o objetivo de promover no aluno, o desenvolvimento de aspectos fundamentais para sua participação social, relacionados com sua afetividade. Por exemplo, o sentido de autonomia e de participação no seu próprio desenvolvimento; a necessidade de buscar o equilíbrio pessoal quanto ao binômio dependência-independência; o reconhecimento das necessidades emocionais e sentimentos próprios e de outras pessoas; a prontidão para arriscar-se em áreas novas e para correr o risco do fracasso; a capacidade para o uso construtivo do poder, entre outros.

Apesar do desenvolvimento integral da personalidade humana ser uma das finalidades da educação estabelecidas pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Art.1º, letra <<d>>, Lei 4.024/62) e mantida pela Lei 5.692/71, a realidade escolar é tradicionalmente marcada pela super valorização da aquisição de conhecimentos científicos. O desenvolvimento de comportamentos do domínio cognitivo não é apresentado de maneira significativa com o contexto em que vivem e não são estabelecidos recursos necessários à valorização do desenvolvimento afetivo do aluno de maneira intencional e eficaz.

À medida que são removidas as barreiras afetivas que influenciam o comportamento dos alunos em sala de aula e a estes são apresentados conteúdos que possam ser relacionados a situações concretas e motivadoras, a criança tem muito mais chances de apresentar bom raciocínio e a desenvolver seu potencial.

### 1.1. As atitudes no processo educativo

Quando a aprendizagem de comportamentos ocorre de maneira intencional, consciente e explicitamente social, é chamada de educação.

A participação do indivíduo na ordem social depende, em qualidade e em quantidade, das respostas que ele emite em relação a outras pessoas, a instituições, a situações sociais. Tais respostas são influenciadas por suas atitudes, já que estas se constituem em uma predisposição ou tendência para pensar, sentir, perceber e agir de certa maneira, em relação a um objeto social.

Atitude pode ser definida, segundo Brito(2002), como uma disposição pessoal, idiossincrática, presente em todos os indivíduos, dirigida a objetos, eventos ou pessoas, que assume diferente direção e intensidade de acordo com as experiências do indivíduo. Além disso, apresenta componentes do domínio cognitivo, afetivo e motor.

Bloom (1976), definiu atitude como uma disposição geral do indivíduo para → "olhar" alguma coisa de maneira positiva ou negativa. Para ele, as experiências de sucesso ou fracasso na escola levam ao desenvolvimento de atitudes positivas ou negativas. O autor diferencia atitude de interesse, colocando esse último mais relacionado ao sucesso na tarefa e atribui a diferença entre os conceitos a aspectos de generalidade. ?

As atitudes são adquiridas e não inatas, embora algumas atitudes sejam mais duradouras e persistentes que outras, elas não são estáveis e variam ao longo da vida do indivíduo, de acordo com as circunstâncias. As atitudes são altamente suscetíveis às influências da cultura na qual o indivíduo está imerso. As atitudes absorvem diferenças de cultura e classes sociais.

A aprendizagem de atitudes tem início desde muito cedo na vida do indivíduo, por meio da influência do relacionamento com os pais e pessoas significativas, sem que se tenha consciência ou a intenção de promovê-la.

Como as atitudes são aprendidas, o seu desenvolvimento de maneira a permitir que o indivíduo participe adequada e eficazmente da ordem social, constitui-se em objetivo de suma importância para a educação. Para Brito (2002), a escola pode e deve ensiná-las aos alunos, bem como o ensino de atitudes deveria fazer parte dos objetivos dos vários currículos escolares de qualquer tipo de ensino.

A promoção desse desenvolvimento, no entanto, não deve estar voltada única e exclusivamente para futuros papéis sociais do aluno, para as responsabilidades que ele virá a ter, pois educação não é somente preparo para a vida, mas sim a própria vida.

Vida e educação não devem constituir-se em dois pólos opostos  
(Garrison e Magoon, 1972).

Os professores não podem esperar que os alunos tragam invariavelmente de casa, todas as atitudes adequadas a um bom convívio, ao melhor aproveitamento da aprendizagem e ao melhor desempenho de seus papéis.

Quando ocorrer algum comportamento contrário às atitudes socialmente desejáveis, os educadores devem analisar as regras estabelecidas pela instituição, e em seguida, o comportamento do aluno e as circunstâncias em que o mesmo surgiu, procurando contextualizar as condições familiares dele e o que poderia indicar a causa de seu procedimento. A partir dessa análise, procurar formular situações que favoreçam o desenvolvimento de novas atitudes, mais adequadas ao convívio social, ao invés de estabelecer penas e prêmios ou rotular o aluno por seu comportamento.

Quando o aluno apresenta uma determinada atitude, considerada negativa, é porque ele a aprendeu ou está reagindo a uma determinada situação. Isso não quer dizer que seja necessariamente ruim e mereça castigo. Ele precisa ser corrigido para que perceba a inadequação do comportamento. A falta de consciência de muitos professores, que aplicam punições aos seus alunos é uma demonstração da incompreensão diante da análise do fato e, de que outras circunstâncias seriam mais adequadas para o desenvolvimento de comportamentos mais apropriados.

Aspectos como renda familiar, ocupação e educação dos pais podem produzir diferenças muitas vezes significativas em atitudes dos alunos e têm implicações fundamentais para a organização, da metodologia do processo educativo. Esta organização deve ser ajustada de acordo com os diferentes grupos, de aluno para aluno, de turma para turma, de escola para escola, de ano para ano.

*→ não está na indexação bibliográfica*  
Para Garrison e Magoon (1972), segundo Luck e Carneiro (1983), apesar do processo de ensino-aprendizagem de atitudes não ser muito claro e bem entendido como o de transmissão de habilidades psicomotoras e cognitivas, a escola não pode omitir-se de sua responsabilidade na ampliação, consciente e intencional, de

atitudes positivas e necessárias para o desenvolvimento do aluno tanto no sentido social, como no pessoal. Ainda ressaltam que o desenvolvimento de consciência crítica, capacidade de escolha, integração à realidade, capacidade de inovação e adaptabilidade preconizados por Freire (1979), fundamentam-se tanto no desenvolvimento de habilidades como no de atitudes consideradas como condição *sine qua non* para a promoção das habilidades.

Os educadores devem considerar naturais as diferenças de comportamento dos alunos, procurar dar mais atenção a cada um, tanto para sua formação como pessoa e como para o seu processo de aprendizagem.

## 2. A RELAÇÃO PROFESSOR - ALUNO

Para ser grande, sê inteiro: nada teu enxerga ou exclui. Sê todo em cada coisa. Põe quanto és no mínimo que fazes. Assim em cada lago a lua toda brilha, porque alta vive.

Fernando Pessoa

A sociabilidade é a tendência natural do ser humano e um aspecto para viver em sociedade. É um processo, por meio do qual o indivíduo se integra no grupo em que nasceu e assimila o conjunto de hábitos, valores, normas e costumes característicos daquele grupo. Graças a esse convívio, no decorrer da vida, a personalidade é construída.

O complexo e amplo processo de aprendizagem que transforma o bebê indefeso em um ser adulto e independente, participante e adaptável é chamado de socialização. Ele diz respeito ao meio pelo qual o indivíduo aprende a levar em conta a ordem social e fazer face à mesma, mediante a uma combinação de comportamentos.

O processo educativo é constituído iminentemente em processo de socialização por meio de três funções básicas, a transmissão da cultura, a preparação para o desempenho de papéis e a inovação da herança cultural pelo desenvolvimento de novos conhecimentos.

Quanto mais adequada a socialização do indivíduo, mais perfeitamente ajustado e integrado ele se torna, e o afeto, neste contexto é um elemento essencial para ajudar neste processo.

O funcionamento do organismo envolve uma significativa parcela de sentimentos e emoções e o seu bom andamento é proporcional a compreensão e controle que o indivíduo possui sobre eles.



Se as relações humanas, embora complexas, são peças fundamentais na realização de mudanças em nos campos profissional e comportamental, como podemos ignorar sua importância na interação entre professores e alunos?

A relação professor-aluno começa a ser construída no ingresso da criança à escola, onde ela passa a conhecer e estar em contato com um mundo diferente, um lugar fora do lar. As relações que antes eram essencialmente familiares, passam a ser ampliadas. Neste momento a criança se vê mergulhada numa série de sentimentos confusos: a falta da mãe; a incerteza da sua volta; a insegurança por estar num lugar estranho com pessoas desconhecidas principalmente se ela for muito pequena. Para muitas é um processo traumático que silencia a curiosidade e a euforia do novo.

A escola apresenta a criança um novo adulto a quem deve obedecer, e cuja aceitação deve buscar. Dentre vários fatores que afetam o ajustamento e o progresso da criança no ambiente escolar, o relacionamento entre professor e aluno é possivelmente o mais importante. É possível que o professor seja o primeiro adulto, fora do ambiente familiar, a desempenhar um papel central na vida da criança. Esta importância provavelmente, se permanecerá nos demais anos escolares.

No primeiro momento a afetividade aparece como um componente para suprir as necessidades emocionais da criança, ou seja, ligada aos sentimentos que a amedrontam tanto em relação a elas mesmas, como ao ambiente físico e as pessoas. Ela aparece misturada a um sentimento de carinho e proteção que, aos poucos, deverá dar lugar a sentimentos de segurança, respeito, amor-próprio, autonomia... que serão essenciais tanto para o desenvolvimento cognitivo da criança como também para suas relações futuras, sejam elas pessoais ou profissionais.

Na educação infantil, o fator afetividade entre professor-aluno é mais evidente e mais facilmente confundido. A relação de afetividade não será instalada para ocupar cargos de pai, mãe ou outros familiares, nem tampouco será estabelecida como

pré-requisito do aprendizado. Ela deve ocorrer de maneira espontânea, sem que os envolvidos se esqueçam de seus papéis na escola (o de aluno e o de professor). O afeto encontrado em sala de aula será totalmente diferente do encontrado no seio familiar. São emoções diversas que não estão atreladas ao valor familiar, mas sim a um modo de agir mais sensível. Na relação professor-aluno não há laços familiares mas laços educacionais.

Há alguns casos em que em nome do amor e do afeto, o educador deixa seu compromisso com a educação de lado e passa a se envolver com as dificuldades pessoais e familiares dos alunos. A afetividade na escola não é de forma alguma se tornar "amiguinho" ou "mãe" do aluno, mas sim respeitá-lo como ser humano, mesmo que um pequeno ser humano.

É necessário compreender que as relações de afeto se estabelecem também com os outros profissionais da escola a merendeira, a diretora, a servente, a coordenadora e outros professores e não somente com o professor regente da turma. Apesar de os alunos estarem em contato direto com o seu professor, eles também se relacionam em diferentes momentos de diferentes formas com os outros profissionais e esse convívio, diferenciado, favorece positivamente no comportamento e nas falas dos alunos.

O afeto não se constitui pela pena que o professor sente do aluno, nem pelo heroísmo que o aluno vê no professor. A criança pode muito bem amar e admirar o educador sem ser por isso obrigado a julgá-lo infalível em todas suas opiniões e juízos (Dolto, 1998).

É extremamente positiva a preocupação em cativar o carinho dos alunos, porém o professor não deve esconder os sentimentos negativos que tem em relação a eles. Há uma falsa imagem de que todos os professores amam seus alunos e vice-versa. Por se tratar de uma relação emocional intensa é natural que existam conflitos.

Enfrentar sentimentos não é fácil para ninguém, mas trabalhar as emoções é importante para o amadurecimento do ser humano. O afeto se constitui através do reconhecimento de si no outro, do respeito mútuo e da confiança. Portanto, esse conteúdo deve fazer parte do compromisso pedagógico de uma instituição que se preocupa com o desenvolvimento integral dos seus alunos.

Ao educador cabe a tarefa complexa de conduzir uma classe com dezenas de alunos, com um jeito particular de se expressar, com características próprias, com comportamentos independentes e ritmo de aprendizagem diversificados. Todos com algum tipo de limitação, de diferentes ordens, mas também têm muitas possibilidades para serem desenvolvidas.

Os processos de ensino-aprendizagem são mais satisfatórios quando se estabelece uma sintonia entre o professor e os alunos, uma certa cumplicidade. Sendo assim, devemos tomar a sala de aula como um lugar de relação, onde se pode abrir para o educador um leque de possibilidades, principalmente didáticas. O modo como se dá a relação professor-aluno pode determinar características do ensino-aprendizagem.

Uma maneira de visualizar a importância dessa relação é pensar nos resultados não-intencionais do processo educacional. Esses aspectos estão muito relacionados com a forma com que o professor se relaciona com seus alunos. Muitas vezes a relação afetiva pode determinar o que o aluno aprende ou deixa de aprender. O professor pode ensinar muitas coisas com suas explicações, e muitas outras com sua maneira de ser e de se relacionar com os alunos.

O que se ensina sem querer ensinar e o que se aprende sem querer aprender pode ser, e com frequência é, o mais importante e o mais permanente no processo de ensino-aprendizagem, e isso por sua vez depende, em boa medida, do estilo de relação que estabelecemos com os alunos (Morales, 2003, p.15).

A questão da identificação pode ser um fator essencial para determinar o sucesso ou fracasso do processo ensino-aprendizagem. Todo e qualquer professor

pode ser um modelo de identificação. Os alunos podem aprender muito mais que os professores conscientemente pretendem ensinar.

É importante lembrar que muitas coisas na vida, as pessoas aprendem por imitação de modelos, quase que sem perceber. Na sala de aula não é diferente, principalmente, quando se trata de crianças.

Para que o professor seja um modelo de identificação, normalmente são necessárias algumas características. Em primeiro lugar, deve ser um bom professor e considerado como tal por seus alunos. Além disso, deve ser bem aceito por eles. Essa aceitação que tem um componente afetivo, é muito importante não só na relação professor aluno, mas como também no processo ensino aprendizagem. Desta forma o professor passa a representar alguém importante para a criança, seus gestos e suas palavras passam a ter um significado relevante, ao ser ouvidas, percebidas e assimiladas pelos alunos.

Essa aceitação afetiva (ao menos a não recusa) será sempre importante se quisermos que as mensagens que consideramos valiosas cheguem aos alunos. Muitas boas mensagens (e bons conselhos) se perdem simplesmente porque se recusa o mensageiro (Morales, 2003, p.23).

A posição do professor, seu jeito de ser, sua maneira de se apresentar e sua maneira de se relacionar com os alunos, com seus comentários incidentais, com o modo pelo qual lida com situações de conflito, pode estar ensinando, e os alunos aprendendo, atitudes e valores que podem ser positivos ou negativos. Segundo Morales (2003), essa forma de ensinar "sem querer" e aprender "sem querer", ou melhor, ensinar e aprender de maneira espontânea, podemos chamar de ensino não-intencional e aprendizado não-intencional.

Conscientemente ou não, o professor transmite alguns valores e atitudes: sua maneira de ser, se raciocinar, sua forma de apresentar os problemas, seus critérios para solucionar os conflitos que se apresentam, sua maneira de viver (...). (Tapia, 2001, p.107).

Os aprendizados afetivos negativos incidem sobretudo na área das atitudes e dos valores, que é precisamente a área mais permanente, pelo fato da criança estar formando sua personalidade. Os conhecimentos poderão ser esquecidos, mas ficarão exemplos que podem condicionar condutas futuras.

A influência que o professor exerce sobre os alunos não se dá apenas no âmbito do desenvolvimento cognitivo; incide também no desenvolvimento emocional e social dos alunos. O desenvolvimento moral, o discernimento dos próprios valores, assim como as decisões futuras, não escapam dessa influência.

O professor pode ensinar mais com o que é (com suas atitudes, sua personalidade, seu caráter) do que com aquilo que realmente pretende ensinar. Sua maneira de agir implica mensagens implícitas que podem levar efeitos positivos ou negativos para a criança. Se ela aceita ou recusa as atitudes e os valores do professor, reforça-se o interesse ou o desinteresse pelo aprendido ( Morales, 2003).

Para a maioria das pessoas, a instituição escolar está diretamente vinculada a educação de livros, aos conteúdos, as informações disciplinares. Entretanto, não se pode mais perceber a escola apenas como um lugar de aprendizado e de conhecimentos específicos. O ser humano está embuído de sentimentos que não podem ser desprezados por ninguém. A relação professor-aluno na sala de aula também não pode ser reduzida a uma simples relação didática. É acima de tudo, uma relação humana, permeada de conflitos, embates, influências mútuas e movimentos de ambos os lados participantes. Poderíamos compará-la a lei de Newton que diz que para toda ação há uma reação, ou seja, nada fica sem resposta, mesmo que não aparente. Assim, pode-se afirmar que a relação/reação que o professor inicia influi nos alunos, que, por sua vez, influem no professor e acabam por reforçar determinados estilos de relações.

Essa relação entre professor e seus alunos pode se manifestar basicamente de duas maneiras. A primeira diz respeito a comunicação é caracterizada

por ser uma relação mais pessoal, talvez mais afetiva, que consiste em reconhecer êxitos, reforçar a autoconfiança dos alunos, manter sempre uma atitude de cordialidade e respeito. Enquanto a outra manifestação dessa relação apresenta um maior compromisso com o desenvolvimento cognitivo. Sendo assim, implica a orientação apropriada para o estudo e o aprendizado.

As duas dimensões caminham lado a lado. Sem uma boa e eficaz relação didática com os alunos, simplesmente não há uma boa relação professor-aluno. Mas a qualidade dessa relação não deve se confundir com a dimensão mais relacional (pessoal/afetiva). Para reforçar essa idéia, Morales (2003, p.51) afirma: “não vamos a sala de aula para fazermos os alunos rirem(...), tampouco para ser carinhosos a fim de que eles se sintam bem, e sim para ajuda-los na tarefa de aprender”.

A dimensão afetiva nessa relação é válida desde que venha proporcionar um ambiente propício para o aprendizado e passa promover a motivação dos alunos. O modo como o professor considera sua tarefa se traduz em sua relação com os alunos. É importante que o professor tenha consciência de que os alunos têm necessidades que devem ser supridas. A eficácia das condutas do professor deriva-se, por sua vez, da eficácia que tais condutas tenham para satisfazer as necessidades básicas dos alunos. Dessa forma, o professor atua em três áreas distintas: relações interpessoais, estrutura de aprendizado e apoio da autonomia e do desenvolvimento integral dos alunos, segundo Morales, (2003).

O autor ainda destaca:

Considero necessário sublinhar a importância de como vemos a nós mesmos, como concebemos nosso papel de professores (funções, condutas esperadas).(...) não estamos ali apenas para explicar e perguntarem uma prova (Morales, 2003, p.41).

A qualidade das relações interpessoais diz respeito a atmosfera criada entre os participantes da relação que favorece um aprendizado tranquilo. Para isso depende da dedicação de tempo à comunicação com os alunos, depende também da

manifestação de afeto e interesse, dentre outros aspectos mais pessoais que traduzam respeito para ambas as partes.

Ainda no âmbito das relações interpessoais, em se tratando de um ambiente propício à uma aprendizagem de sucesso, um outro aspecto relevante diz respeito liberdade de errar como sendo um direito real do aluno. Errar não significa ser menos inteligente, é absolutamente normal que diante de um novo conhecimento ou aprendizagem, o aluno apresente dificuldades. É errando que se aprende, já dizia o velho e bom ditado. E, na maioria das vezes, essa relação se traduz num aprendizado mais sólido e eficaz.

Portanto, para Morales (2003),

Os alunos devem sentir-se livres para errar e aprender com seus erros. O sentir-se livres se traduz aqui por ausência de medo, de angústia...aprender com os próprios é importante para o crescimento pessoal, seja emocional, social ou cognitivo (p.56).

O professor deve, também, estruturar o que vai ensinar; ou seja, proporcionar informação e orientação suficientes, cuidar da seqüência didática entre os conteúdos e quanto aos exercícios, eles devem ser utilizados sempre que possível em um determinado ritmo de realização. Da mesma forma, o professor deve apoiar e incentivar a autonomia do aluno. Autonomia esta que está relacionada com a margem de liberdade que é concedida ao aluno nas atividades de aprendizado. E também com a capacidade do professor de fomentar a motivação interna e criar um clima tranquilo para o trabalho.

Assim, podemos dizer que a conduta do professor influi sobre a percepção dos alunos, e podem vir a refletir no aprendizado dos mesmos. Fatores como a disponibilidade, o interesse, a observação e o diálogo devem ser constantes no espaço da sala de aula. E a comunicação, verbal ou não, influi na dedicação dos alunos para as realizações das tarefas .

A motivação e a dedicação do aluno ao aprendizado também são influenciadas pela conduta do professor se por um lado,

É, sem dúvida pelo contato pessoal com o aluno que poderemos incidir mais eficazmente sobre sua motivação, analisando com eles seus progressos, as causas de seus êxitos ou fracassos, reorientando seus esforços para continuar melhorando (Tapia, 2001, p.107).

Alunos menos motivados, menos comprometidos com seu aprendizado, menos ativos ou até mesmo com dificuldades que possam vir a comprometer sua aprendizagem, muitas vezes recebem de seus professores, comentários que os desmotivam mais ainda. Caso contrário, os alunos que se mostram ativos e motivados costumam receber mais reforços do professor.

Outros fatores que dizem respeito a relação professor-aluno que podem vir a determinar o sucesso ou o fracasso no processo de ensino-aprendizagem merecem destaque. Dentre eles está a primeira impressão que se tem da turma e dos alunos, advindas de comentários formais ou não de outros professores; as avaliações prévias, os preconceitos e as expectativas. São dessas relações que surgem os “rótulos”, que podem tanto fazer com que a criança fique estagnada na aprendizagem, quanto podem ser positivos no processo da mesma.

As primeiras impressões tendem a possuir caráter avaliativo. E essa primeira avaliação pode moldar o tipo de relação que o professor estabelecerá com seus alunos. É evidente que essa relação pode vir a se modificar com o tempo, mas o fato é que a avaliação prévia ocorre e, bem ou mal, se reflete nas primeiras interações.

Falar em primeiras impressões, requer tratar de avaliações prévias, preconceitos e expectativas. São elementos que mantêm uma curta distância entre si, aparecem interligados e, muitas vezes se confundem.

Nossas relações com os outros se baseiam na forma como os vemos e como os avaliamos. É preciso estarmos atentos à possível existência de preconceitos e



estereótipos. Os juízos e avaliações prévias que ouvimos podem ser condicionantes. As avaliações iniciais e informais podem ter grande incidência na qualidade da relação professor-aluno, podendo trazer conseqüências importantes nas expectativas do professor, nos níveis de exigência, nas avaliações e na aprendizagem dos alunos. Acabam por determinar não só a relação afetiva entre as partes, como pode comprometer o trabalho do professor e conseqüentemente o aprendizado dos alunos.

Morales (2003) ressalta que “as primeiras impressões (...) se traduzem em condutas do professor (e talvez dos alunos), as quais podem ter muitas repercussões” (p.67).

Como foi visto anteriormente, as primeiras impressões e avaliações tendem a condicionar a conduta do professor, assim como os preconceitos e expectativas. Uma das condutas mais facilmente percebidas, principalmente nos professores de educação infantil, é o tratamento diferencial para com alguns de seus alunos, não só com relação ao aspecto cognitivo, mas também afetivo.

Se o professor acredita no potencial do aluno ou tem uma grande afinidade com o mesmo, ele tende a agradá-lo e incentivá-lo mais. Se o aluno corresponde as expectativas e a atenção especial do professor, acaba por reforçar a atitude do mesmo.

É por meio do vínculo existente entre o professor e cada um dos alunos que a aprendizagem acontece, quando a criança não aprende, o professor deve refletir sobre o ato de ensinar. Além de desenvolver habilidades cognitivas, o educador deve fazer com que todos os alunos se sintam em condições de aprender.

Considerar o estudante sempre capaz é uma maneira de tornar o processo de aprendizagem mais estimulante. Quem compara as crianças entre si e deposita nelas a obrigatoriedade de sucesso corre o risco de bloquear o vínculo,

fazendo com que o interesse pelo conhecimento se perca. Um passo importante para uma educação de sucesso é o professor fazer uma auto-avaliação constantemente.

O aproveitamento escolar, a motivação e a sociabilização melhoram quando os estudantes são acolhidos. Não se deve deixar o trabalho com as emoções apenas para os momentos críticos, o tema deve ser incluído na proposta pedagógica.

Um bom relacionamento professor aluno pede:

- enxergar as crianças como seres humanos complexos e únicos;
- ficar atento às características físicas e psicológicas dos alunos e identificar seus sentimentos observando as expressões faciais;
- recorrer ao auto-conhecimento questionando sempre à qualidade da aula que acabou de dar e a resposta da turma;
- discutir sua postura em classe com outros professores e compartilhar possíveis problemas;
- não esperar que o vínculo seja sempre positivo. Esteja ciente de que conflitos existem e é preciso administrá-los.

### 3. A AUTO-ESTIMA DOS ALUNOS

Ensinar é uma tarefa mágica, capaz de mudar a cabeça das pessoas, bem diferente de apenas dar aula.

Rubem Alves

Freud, ao afirmar a existência da sexualidade infantil, se referia as emoções, a afetividade. Como médico, seguiu uma orientação biológica denominando o desenvolvimento emocional de desenvolvimento psicosexual. Se a criança é assistida durante as fases desse desenvolvimento, desde a fase oral, passando pela fase anal, até a fase genital, ela terá melhores condições de ser um adulto emocionalmente equilibrado.

*mas está indicado na bibliografia*

Piaget (1992), dedicou-se ao desenvolvimento emocional e em seus estudos afirmava que afetividade e inteligência não se dissociam, e que para que a inteligência funcione é preciso um motor, que é a afetividade. Em *Psicologia da criança* o aspecto cognitivo das condutas consiste na estruturação (estratégias) da atividade, e o aspecto afetivo, em sua energética. Para Piaget, a afetividade, tal qual a inteligência, obedece a um processo evolutivo onde a assimilação do mundo e nossa acomodação nos auto-regulam e nos dão autonomia cognitiva e afetiva.

Antunes (2003), destaca o aspecto emocional da alfabetização ao ensinar os alunos a administrar seus estados emocionais, a pensar através da análise e da síntese, a valorizar seus sentimentos e dos outros, a educar através de projetos, traçando metas, organizando a sua vida. A auto-estima, segundo o autor, é um querer bem a si mesmo. É ter uma visão realista de suas próprias limitações e potencialidades, é o sentimento de apreço por suas qualidades.

O auto-conhecimento é uma importante ferramenta na tarefa de elevação dos níveis de auto estima. É saber de suas qualidades e limitações. Esse conhecimento de si próprio auxiliará nas escolhas, de acordo com as possibilidades,

evitando fracassos e adquirindo sentimento de capacidade de produzir e obter sucesso. Conseqüentemente elevando a auto-estima.

A auto-estima pode ser afetada quando ocorre discriminação expressada em forma de brincadeiras e apelidos, realizados tanto de aluno para aluno quanto de professor para aluno. Por parecer inofensiva para muitos professores, não é combatida, e ao se tornar constante, mina pouco a pouco, a auto-estima. É impossível discutir sobre isso e não se lembrar do professor e nem pensar: Qual o seu papel? Que intervenções fará? Que meios poderá utilizar para ajudar na construção ou na reconstrução da auto estima?

As palavras de Moysés (2001), reforçam a influência do outro na auto-estima da criança quando diz que é lenta e gradual a aprendizagem que a criança faz sobre as referências a seu respeito. As mais fáceis de se apreender são aquelas que nascem de comentários referentes ao seu comportamento. Assim, ao observar a situação em que foram geradas, as reações emocionais do interlocutor e a própria entonação com o que são ditas à criança, vai fazendo aproximações do seu significado real, ao mesmo tempo em que vai internalizando tais comentários, até chegar a adotá-los como seus.

A educação precisa aceitar novas maneiras de aprender e, Antunes (2003), denomina de Alfabetização Emocional. Isto acontece quando se ensina os alunos a administrarem seus estados emocionais, a pensar através da análise e da síntese, a valorizar seus sentimentos e os dos outros, a educar o caráter através de projetos, traçando metas e organizando sua vida.

O professor, como orientador, deve levar os alunos a refletir no cotidiano, as coisas que acontecem a sua volta mas, para isso, o professor deve desenvolver nele próprio estes sentimentos e saber que não só os conteúdos deverão ser transmitidos, mas principalmente ensinamentos úteis para a vida.

Quando a criança começa a freqüentar a escola as novas relações que passarão a se estabelecer naquele ambiente poderão ser boas ou não. Como os alunos passam grande parte da vida na escola, esse período deixará marcas que poderão ser boas ou não para a vida futura.

O professor tem um papel importante na elevação ou não da autoestima do aluno. Saber elogiar ou criticar é uma tarefa que requer certo equilíbrio e a consciência de que nessa hora, ele poderá estar marcando a vida do aluno positiva ou negativamente. Em suas críticas deverá procurar ajudar o aluno a identificar suas limitações, reconhecer seus erros e fornecer opções de caminhos possíveis que ele poderá percorrer. O professor deve “diagnosticar” as dificuldades do aluno sem obrigá-lo a seguir suas observações como uma receita pré-concebida. Seu papel, como dissemos anteriormente, é de orientador.

Os preconceitos do educador em relação ao educando devem ser evitados, pois a estratégia adotada por ele poderá sofrer a interferência desse pré-julgamento que ele tenha feito.

O mesmo cuidado o professor deve ter quanto aos resultados das avaliações. Nem sempre, uma mesma nota significa o mesmo desempenho. Diferentes formas de avaliar são sempre oportunas, pois, dará ao aluno condições e oportunidades diferenciados de se expressar.

É importante que as notas sejam analisadas na hora da entrega dos resultados. As notas baixas deverão ser acompanhadas de instruções para poder melhorá-las e as notas altas, deverão ser sempre elogiadas. O professor não deve desenvolver no aluno o sentimento de culpa ou estereotipá-lo pelo seu desempenho. É importante saber encontrar e verbalizar os pontos positivos de cada indivíduo, lembrando que cada um tem sua própria forma de expressão que deve ser reconhecida e valorizada.

Cabe ao professor desenvolver em si próprio a capacidade de perceber as individualidades do aluno, acolher os que estão sentindo dificuldade, solicitar ajuda dos que se encontram em um melhor estágio para auxiliar os outros, e principalmente, saber distinguir as necessidades de cada aluno.

Atualmente, o bom professor não é aquele que apenas transfere conhecimentos, mas sim aquele que lança desafios, instiga aos alunos a encontrar soluções diferenciadas e ensina-lhes a buscar as respostas e, entre muitas coisas, aquele que possui capacidade de se emocionar com a sua profissão.

#### 4. ALEGRIA

A arte mais importante do mestre é provocar a alegria da ação criadora e do conhecimento.

Albert Einstein

Fazer da escola um lugar de alegria e prazer é tarefa para educadores comprometidos com seus alunos e fascinados pela arte de ensinar e, conseqüentemente, dispostos também a aprender. A alegria na escola não é algo apenas importante, é muito mais do que isto, é a base necessária para fortalecer o indivíduo durante toda sua vida. Sendo assim, todos os minutos na escola devem ser aproveitados para deixar fluir a alegria, o amor à vida e o desejo de viver. Para alcançar esta alegria não é necessário reformar ou tentar mudar radicalmente o mundo. Nas palavras de Paulo Freire (1986) "Lutar pela alegria na escola é uma forma de lutar pela mudança no mundo" (p.160).

? os livros indicados na bibliografia  
de Freire (1996) ou Freire (1987)

Cabe aos educadores propiciarem esta alegria através do desenvolvimento de atividades prazerosas, que valorizem o potencial infantil, com os conteúdos ensinados de forma divertida, desenvolvendo oportunidades de leitura e de pesquisa, de forma que as crianças possam construir o seu mundo mais alegre, sem medo e opressões.

Como fazer da escola um lugar alegre e prazeroso? Que sentimentos devem ser explorados? Como desenvolvê-la no dia a dia da escola? Alguns autores nos ajudarão nestas respostas.

→ mas está indicada na bibliografia

Segundo Ferreira (1993), dicionário de língua portuguesa, a alegria é "a qualidade ou estado de quem tem prazer de viver, de quem denota jovialidade, contentamento, satisfação; estado de alegre manifestação de contentamento, júbilo, prazer moral, aquilo que alegra, festa"(p.25). O prazer, "é sentimento de alegria, de satisfação; comprazer, agradar, sentimento de ou sensação de agradável, júbilo, contentamento, alegria, divertimentos, agrado"(p.253).

Para SNYDERS (1993), a alegria é um ato e não um estado no qual instalamos confortavelmente, “a atividade de passar para...” A alegria é também um ato na medida em que, através dela, “a potência de agir é aumentada”, ocorrendo um acréscimo de vida, fazendo o indivíduo se sentir como que prolongado, enquanto a não-alegria vai se restringir, se reduzir, se economizar, ficar de vigília ou entregar-se à dispersão (p.42).

Desta forma o lúdico e o prazer devem permanentemente fazer parte do cotidiano para que a falta de alegria nunca contamine as criança e os adultos.

Marcellino (1997), defende a necessidade desses componentes na vida e no cotidiano da escola, afirmando que se deve respeitar o direito à alegria e ao prazer que são promovidos pelo componente lúdico da cultura que, por sua vez, é a base da sustentação de toda transformação crítica tornando muito mais fácil a vida no mundo.

Por isso, as atividades desenvolvidas em sala devem levar em conta a bagagem cultural e social da criança, valorizando sua visão de mundo, procurando compreender, conhecer e reconhecer o jeito particular infantil.

O profissional deve estar disposto a realizar trabalhos que valorizem realmente o prazer e a alegria encontrados naturalmente nas crianças, confiando em suas potencialidades e tendo como ponto de partida o que elas já sabem fazer, gostam de fazer e aquilo que elas também não sabem, mas gostariam de saber. O objetivo maior da escola é formar cidadãos críticos e conscientes através do desenvolvimento de processos de aprendizagem, que respeitem inclusive o direito da criança ser feliz.

Aos educadores que estão na busca da melhoria da escola, cabe findar com esta situação contraditória, tornando a instituição um lugar mais alegre, transparente, participativo e prazeroso, cumprindo realmente sua função: cuidar com qualidade dos alunos e educá-los para o exercício consciente da cidadania e autonomia.



Conforme ALMEIDA(1998), é preciso recuperar o verdadeiro sentido da palavra escola como um lugar de alegria, prazer intelectual, e satisfação e também repensar a formação do professor. É importante que os educadores reflitam cada vez mais sobre a sua função e cada vez mais busquem melhorar sua competência aumentando conhecimentos teóricos e melhorando sua prática, para cada vez mais poder transformar sua atuação profissional.

Infelizmente, nem sempre um profissional formado é sinônimo de um bom profissional, por isso, cada vez mais, deve-se priorizar a formação continuada destes professores, ou dizendo de uma forma mais contemporânea, cabe a todos os profissionais da escola uma formação continuada.

## 5. O AFETO NAS DIVERSAS FORMAS DE ARTE.

A gente não quer só comida a gente quer comida,  
diversão e arte.

Titãs

Por ser um tema universal e estar presente nas relações do dia-a-dia de qualquer ser humano, o afeto rompeu os limites dos livros de pedagogia e foi parar em obras de arte como o cinema, a literatura, o teatro, a pintura, a fotografia entre outros. Qualquer obra de arte produz no ser humano sensações e emoções.

Esse capítulo não pretende realizar críticas e muito menos comentários profundos sobre obras de arte que tenham o afeto como tema. Mas apenas citar algumas obras que abordam o afeto na relação professor aluno, como um outro meio de transmitir a informação, até mesmo como uma forma de orientação para professores que se interessam e queiram ter mais contato com esse tema. Acredito que a utilização desses recursos pode ser um caminho para a resolução de conflitos e quebra de barreiras afetivas entre professor e aluno.

Como se dá o afeto na arte? Será possível transmitir através de um filme ou de um livro a importância do afeto para um ser humano? Qual seria a melhor expressão artística para abordar o afeto? Seria literatura com a poesia? O cinema com sua imagens? Essas perguntas podem ter uma infinidade de respostas, devemos respeitar o trabalho do artista, e isso já é um gesto de afeto.

O amor e o ódio são dois afetos que constituem a vida afetiva. O amor e o ódio são temas de inúmeros romances, filmes, peças de teatro, novelas entre outros. Os afetos podem ser produzidos fora do indivíduo, isto é, a partir de um estímulo externo (do meio físico ou social), que atribui um significado com tonalidade afetiva: agradável ou desagradável. Obras de arte também podem produzir afeto nos seres humanos, existem casos de pessoas que possuem verdadeira adoração por alguns filmes, livros ou quadros.

O afeto nos ajuda a avaliar situações, servem de critério de valoração positiva ou negativa para circunstâncias de nossa vida; eles preparam nossas ações, ou seja, participam ativamente da percepção que temos dos diferentes momentos vividos e do planejamento de nossas reações a eles. Essa função é caracterizada como uma função adaptativa.

O afeto também tem uma outra característica, ele está ligado à consciência, o que nos permite dizer ao outro que o sentimos, expressando, através da linguagem, nossas emoções. E é isso o que fazem, incessantemente, os poetas, até mesmo quando não querem falar. Contudo, muitas vezes o afeto é enigmático para quem o sente, muitas vezes, nossa reação não condiz com o que sentimos, com o que o outro esperava. Isso acontece muitas vezes com determinadas obras de arte.

Quem nunca se emocionou com um livro, um filme, uma novela ou uma peça de teatro? Essas obras de arte nos são passadas através de imagens. Para Alcântara (2002), <sup>→ mas está mais biológico</sup> as imagens que emergem no nosso cotidiano nos convidam a ver, ouvir, cheirar, provar, sentir, provocando emoções. As imagens têm o poder de despertar a memória das experiências acumuladas dentro de nós trazendo à tona registros de lugares e tempos já vividos.

As emoções são expressões afetivas acompanhadas de reações intensas e breves do organismo, em resposta a um acontecimento inesperado ou às vezes, a um acontecimento muito aguardado.

Várias reações orgânicas acompanham as emoções e revelam vivências ou estados emocionais do indivíduo como tremor, riso, choro, lágrimas, expressões faciais, reações orgânicas que muitas vezes fogem ao nosso controle. Podemos até segurar o choro, mas não conseguimos deixar de chorar por dentro.

Não temos por que esconder nossas emoções. Elas são nossa própria vida, uma espécie de linguagem na qual expressamos percepções internas; são

sensações que ocorrem em respostas a fatores geralmente externos. São fortes passageiras, intensas, mas não imutáveis. Isto quer dizer que o que hoje nos emociona, poderá amanhã não nos emocionar mais. A sala de aula é um exemplo de um ambiente fortemente marcado por emoções diversas que precisam ser trabalhadas dia a dia, de aluno para aluno, o que não é uma tarefa fácil.

Com freqüência, diretores e escritores ambientam suas obras em salas de aula ou pátios escolares. Quando esses autores estão inspirados, ou fazem boa pesquisa, criam histórias e personagens marcantes que se envolvem em histórias de amor e afeto, emocionando o leitor e o espectador. Histórias que o professor pode se identificar e se entregar à reflexão teórica e crítica em torno da sua prática docente.

Podemos citar algumas obras que abordam o afeto, que podem ser utilizados por professores dentro do espaço escolar também como forma de favorecer a interação entre os alunos e o ambiente de aprendizagem. Cabe ao educador sentir a necessidade de seus alunos e fazer uso das obras com bom senso.

A título de contribuição de recursos que possam favorecer o debate sobre estes temas, serão relacionados alguns títulos de livros e filmes que tratam do afeto, da admiração, da alegria, da amizade, dentre outros.

### **5.1. Livros**

AMAR, VERBO INTRANSITIVO. Livro de Mário de Andrade. No enredo do livro, um burguês contrata uma governanta para dar aula e educar seus quatro filhos. Para as garotas ela ensina alemão e piano. Para o garoto, ela se dedica à arte de amar, onde o rapaz acaba se apaixonando depois de criar um forte vínculo afetivo com a governanta. Drama escrito em 1927, durante a primeira fase do modernismo brasileiro.

AS PUPILAS DO SENHOR REITOR de Júlio Dinis. Numa aldeia portuguesa do século XVIII, um padre é responsável pela educação dos jovens. Ele administra as angústias e paixões de suas pupilas, as meio – irmãs Clara e Margarida, que enamoram, respectivamente, Pedro e Daniel. Margarida, a exemplo do reitor resolve abraçar a didática, onde descobre que ensinar era aprender, ensinar era amar. E assim cria um forte vínculo com os seus alunos. Obra folhetinesca, foi publicada por um jornal do porto em 1866 e pertence a fase romântica da literatura portuguesa.

O ATENEU de Raul Pompéia. O Livro narra o drama de um jovem que vive em um colégio interno com normas muito rígidas. Descobrindo ali a importância da amizade, do estudo e a sexualidade. Este romance denso foi escrito em 1888 e faz parte do período naturalista da literatura brasileira .

UMA PROFESSORA MUITO MALUQUINA de Ziraldo. Durante a Segunda guerra, numa cidadezinha do interior uma professora foge à rigidez do currículo escolar e ensina a seus alunos a paixão pela leitura, o senso de justiça e alegria de viver. Tudo isso com muito amor e afeto.

O MEU PÉ DE LARANJA LIMA de José Mauro de Vasconcelos. O livro narra as aventuras de Zezé, menino de seis anos que não é entendido pelos seus familiares. Acaba encontrando carinho e afeto com um pé de laranja lima e um amigo português.

Uma das passagens mais belas do livro é o diálogo entre o menino e sua professora:

*“A escola. A flor. A flor. A escola...”*

*tudo ia muito bem quando Godofredo entrou na minha aula. Pediu licença e foi falar com D. Cecília Paim. Só sei que ele apontou a flor no copo. Depois saiu. Ela olhou para mim com tristeza.*

*Quando terminou a aula, me chamou.*

*– Quero falar uma coisa com você, Zezé. Espere um pouco.*

*Ficou arrumando a bolsa que não acabava mais. Se via que não estava com vontade nenhuma de me falar e procurava a coragem entre as coisas. Afinal se decidiu .*

*– Godofredo me contou uma coisa muito feia de você, Zezé. É verdade?*

*Balancei a cabeça afirmativamente.*

*– Da flor? É, sim, senhora.*

*– Como é que você faz?*

*– Levanto cedo e passo no jardim da casa do Serginho. Quando o portão está só encostado, eu entro depressa e roubo uma flor. Mas lá tem tanta que nem faz falta.*

*– Sim. Mas isso não é direito. Você não deve fazer mais isso. Isso não é um roubo, mas já é um “furtinho”.*

*– Não é não, D. Cecília. O mundo não é de Deus? Tudo que tem no mundo não é de Deus? Então as flores são de Deus também...*

*Ela ficou espantada com a minha lógica.*

*– Só assim que eu podia, professora. Lá em casa não tem jardim. Flor custa dinheiro... E eu não queria que a mesa da senhora ficasse sempre de copo vazio.*

*Ela engoliu um seco.*

*(...)*

*As lágrimas estavam descendo.*

*– Eu não queria fazer a senhora chorar. Eu prometo que não roubo mais flores e vou ser cada vez mais um aluno aplicado.*

*– não é por isso, Zezé. Venha cá.*

*Pegou as minhas mãos entre as dela.*

*– Você vai prometer uma coisa, porque você tem um coração maravilhoso, Zezé.*

*– Eu prometo, mas não quero enganar senhora. Eu não tenho um coração maravilhoso. A senhora diz isso porque não me conhece em casa.*

*– Não tem importância. Pra mim você tem. De agora em diante não quero que você me traga mais flores. Só se você ganhar alguma. Você promete?*

*– Prometo, sim senhora. E o copo? Vai ficar sempre vazio?*

*– Nunca esse copo vai ficar vazio. Quando eu olhar para ele vou sempre enxergar a flor mais linda do mundo. E vou pensar: quem me deu essa flor foi o meu melhor aluno. Está bem?*

*Agora ela ria. Soltou minhas mãos e falou com doçura.*

*– Agora pode ir, coração de ouro.*

O PEQUENO PRÍNCIPE de Saint – Exupéry. O livro conta as viagens do pequeno príncipe pelas galáxias, onde vai aprendendo um pouco sobre a vida. O livro não faz nenhuma menção na relação professor aluno, mais o afeto está nitidamente presente em toda a obra. Destacamos a passagem do príncipe com a raposa, onde ele aprende o significado da palavra cativar. E cativar não é uma forma de afeto?

- *“Sou uma raposa - disse a raposa.*
- *Vem brincar comigo – propôs ele. – Estou tão triste...*
- *Eu não posso brincar contigo – disse a raposa.*
- *Não me cativaram ainda.*
- *Ah! Desculpa – disse o príncipezinho.*
- *Mas, após refletir, acrescentou:*
- *Que quer dizer “cativar”?*
- (...)
- *É algo quase sempre esquecido – disse a raposa.*
- *Significa “criar laços”...*
- *Criar laços?*
- *Exatamente – disse a raposa. – Tu não és ainda para mim senão um garoto inteiramente igual a cem mil outros garotos. E eu não tenho necessidade de ti. E tu também não tens necessidade de mim. Não passo a teus olhos de uma raposa igual a cem mil outras raposas. Mas, se tu me cativas, nós teremos necessidade um do outro. Serás para mim único no mundo. E eu serei para ti única no mundo...”*

#### 5.1.1. Sobre alguns livros que têm o afeto como tema principal

A AFETIVIDADE DO EDUCADOR de Max Marchand. Livro francês escrito em 1956. O livro aborda reflexões e indagações para indicar uma abertura ao crescimento pessoal do mestre e do aluno. Fala sobre a afetividade pela sensibilidade, pelo humanismo, pela capacidade de doação à tarefa educativa.

EDUCAÇÃO, A SOLUÇÃO ESTÁ NO AFETO de Gabriel Chalita. O livro mostra que as mudanças no mundo de hoje acontecem rapidamente, a tecnologia avança de uma forma assustadora. As escolas tem se renovado e as famílias muitas vezes não acompanham essas mudanças. Os filhos e os alunos estão crescendo em uma época ímpar e sem precedentes. E mostra o afeto como a solução para esse mundo que estamos vivendo.

PEDAGOGIA DO AMOR de Gabriel Chalita. O livro é um apanhado de histórias universais que contribuem para a formação de valores para as novas gerações. O livro tem com objetivo ser útil para pais, mães, professores e todas as pessoas comprometidas com o ato de formar, informar, transmitir saberes, lições e principalmente afeto.

A CARÍCIA ESSENCIAL, UMA PSICOLOGIA DO AFETO de Roberto Shinyashiki. O livro faz uma análise dos caminhos que as pessoas têm para demonstrar o amor. Mostra o afeto, um tema tão subjetivo, como uma das formas de reconhecimento da existência do outro.

A CONSTRUÇÃO DO AFETO de Celso Antunes. O livro mostra que só o afeto, solidariedade e uma mão amiga ajudam no desenvolvimento do potencial humano e o estímulo das múltiplas inteligências.

A arte mais difícil, e simultaneamente mais útil, é a de saber educar.

**Persichetti**

## 5.2. Filmes

AO MESTRE COM CARINHO (To sir with love), Inglaterra, 1967.  
Direção de James Clavell. Com Sidney Politier, Judy Geeson, Cristian Roberts.



Embora muita gente o considere melodramático em excesso, *Ao mestre com carinho* é o mais conhecido e cultuado filme do gênero. No meio dos anos 60, um professor negro inicia na carreira lecionando para uma turma de adolescentes modernos e por vezes racistas, numa escola pública da periferia de Londres. Com seu jeito ora autoritário ora paternal, ele conquista aos poucos o respeito e a admiração da turma. A canção tema embalou muitos bailes de formatura. Em 1995 o filme ganhou uma continuação menos inspirada.

A SOCIEDADE DOS POETAS MORTOS ( *Dead poets society*), EUA, 1989. Direção de Peter Weir. Com Robin Williams, Robert Sean Leonard, Ethan Hawke e Josh Charles.

Em 1959, na tradicional e conservadora Welton Academy, freqüentada exclusivamente por rapazes, o professor John Keating emprega métodos de ensino nada ortodoxos para ensinar literatura. Seu lema é *carpe diem*, expressão em latim que significa "aproveite o dia". E ele não mede esforços para provar aos estudantes que a preparação para a universidade não precisa ser um tormento. Pelo contrário, aprender pode ser um prazer. O filme contrapõe o desejo de liberdade e a alegria de viver aos rígidos códigos de conduta que regem as instituições educacionais mais arcaicas.

MEU MESTRE MINHA VIDA (*Lean on me*), EUA, 1989. Direção de John G. Avildsen. Com Morgan freeman, Beverly Todd, Robert Guillaume e Alan North.

Vinte anos após sua demissão, um professor que virou atleta famoso retorna para escola onde deu as primeiras aulas com a missão de educar estudantes violentos e viciados em drogas. A trama de *Meu mestre, minha vida* baseia-se na história real de Joe Clark, ex-ídolo de beisebol norte-americano.

NENHUM A MENOS (*Yi ge dou bu neng shao*), China, 1998. Direção de Zhang Yimou. Com Wei Minzhi, zhang Huike, tiam Zhend e Gao.

Inspirada em fatos reais, se passa numa paupérrima escola rural chinesa, onde uma garota de 13 anos recebe a incumbência de substituir o professor titular, licenciado por um mês. Ela não dispõe de um livro sequer, pode gastar no

máximo um giz por dia e ainda por cima deve morar na sala de aula junto com vários de seus 28 alunos. Por falta de móveis adequados, as carteiras ganham função de cama. A menina tem como obrigação evitar a evasão estudantil, um problema crônico no país.

### 5.3. Teatro

A AURORA DA MINHA VIDA peça de Naum Alves de Souza. Escrito na década de oitenta, o texto aborda em várias cenas o cotidiano em uma classe de aula. No texto o autor focaliza a escola como a primeira instituição a formalizar os conhecimentos do homem, e a disciplinar seus anseios, a servir-lhe de ponte entre a família e o mundo. Tentando procurar nas raízes a explicação para tantas posturas adultas. Pode-se dizer que a escola é o personagem principal da peça, enquanto os oito alunos e os professores se definem como participantes de uma comunidade provisória onde o afeto quase não está presente.

## CONCLUSÃO

Como se sabe, os professores são profissionais do ensino cuja tarefa principal é ajudar os alunos no seu aprendizado. Muitos se restringem somente a isso, a ensinar o que é importante para o desenvolvimento cognitivo de seus alunos. Mas a tarefa do educador é muito mais ampla. Ela deve potencializar o aprendizado integral do aluno e não apenas dos conteúdos curriculares.

Na educação infantil, pode-se perceber mais facilmente a preocupação de favorecer os processos de socialização, conhecimentos e práticas de higiene, moral, dentre outros importantes para o desenvolvimento da personalidade da criança e, não somente conteúdos curriculares destinados ao desenvolvimento cognitivo da mesma. Em qualquer que seja o conteúdo a ser ensinado, um aspecto pode ser fundamental para determinar o êxito ou o fracasso do aprendizado: a relação professor-aluno.

Após a análise do trabalho vimos que a qualidade da relação entre professor-aluno é fundamental para que se consiga atingir o objetivo a que se destina a tarefa do professor. Além dessa relação, ser profissional é acima de tudo uma relação humana, que por isso está sujeita a afetividade e sentimentos. Estes devem ser administrados de forma que não venham prejudicar a tarefa do educador e o aprendizado do aluno, pelo contrário, deve ser usada para proporcionar um ambiente e uma relação saudáveis para que o aprendizado possa se dar de maneira prazerosa, segura e eficaz.

É necessário criar um novo clima de comunicação pedagógica em sala de aula. Para isso, é fundamental que o professor conheça as necessidades dos alunos e que se proponha a tecer, sem medo, sua relação com eles.

Vigiar suas ações, já que são vistos por eles como modelos a serem seguidos, saber ouvir, respeitar o momento de cada um, manter uma relação de respeito, passar segurança, incentivar, despir-se de pré-conceitos, jamais se apropriar

de rótulos para classificar os alunos, são alguns pontos que merecem destaque na prática pedagógica e onde estarão os seus resultados do trabalho desenvolvido.

Através do respeito mútuo as pessoas conseguem se ver como seres humanos passíveis de erro e acerto. Quanto melhor for o nível de respeito, amizade, segurança no ambiente escolar, maior facilidade o aluno terá para construir o conhecimento e aumentar os relacionamentos pessoais e sociais do grupo.

A formação do educador tem que ser criteriosa, pois a responsabilidade de suas tarefas é grande. Entre eles estão direcionar, coordenar e orientar as atividades pedagógicas em sala de aula. Ele é aquele que incentiva os alunos e também aquele que desencadeia nos mesmos, uma série de atitudes e posturas referentes ao modo de ser do educador. O professor pode colaborar para uma vida mais completa ou para a formação de um ser humano limitado e inseguro.

É necessário que o professor além de competência profissional, tenha um olhar sensível para seus alunos, um olhar de preocupação não só com o desenvolvimento intelectual e motor, como também profissional e emocional. A formação e a postura do educador perante a sua prática são fundamentais para o ato de ensinar. A prática educativa acontece diariamente em construção com os alunos e em que a premissa do educador é ser novo a cada dia na sua profissão. O educador tem que se descobrir como um ser em constante movimento de aprendizado e de ensino.

Os alunos servem como termômetro para que o educador perceba se seu trabalho está sendo recebido com alegria ou com desprezo por parte dos alunos. Dessa maneira, ele tem a possibilidade de reavaliar sua prática e até modificá-la, caso seja necessário. Qual o interesse que o educador pode ter em manter um trabalho que não é agradável para os alunos e que conseqüentemente não surte um resultado esperado?

A reflexão das interações afetivas do educador e do aluno revela que o sucesso na educação está submetido, principalmente, à iniciativa preponderante do professor. É ele que imprime à relação características particulares, que suscita as reações do aluno pela sua simples presença e pela atitude que adota desde o primeiro contato estabelecido entre eles. Dessa forma, a educação supõe o aparecimento de um “par afetivo”, cuja harmonia ou desacordo leva o ensino para os numerosos caminhos ou “descaminhos” possíveis.

O par afetivo ideal professor-aluno se constitui de uma série de adaptações de ambas as partes, mas principalmente da iniciativa do professor. Este deve dar ao seu aluno a oportunidade de se relacionar com ele. É conhecendo seu aluno e suas necessidades e se relacionando com ele que o processo de ensino-aprendizagem se torna mais interessante, eficaz e prazeroso para ambas as partes.

A arte de julgar exige dos educadores sabedoria para distinguir aquilo que o educando pode ter liberdade para escolher e decidir sozinho, daquilo em que se deve ser orientado, precisando de limites claramente definidos para nortear sua ação. Essa sabedoria requer a capacidade de ser firme e exigente, sem perder a afetividade, a paciência, a serenidade; de ser autoridade, garantindo a segurança dos educandos, sem ser autoritário, intransigente, sem exercer pressão excessiva que atemoriza e inibe a iniciativa da criança.

Duas dimensões são indispensáveis no processo da educação: a dimensão afetiva, responsável pelo sentimento de confiança e pela construção da auto-estima, relacionada com a necessidade de sentir-se amado, valorizado, respeitado e aceito. A ausência dessa dimensão, poderá gerar ansiedade, insegurança, falta de iniciativa, dificuldades de aprendizagem, isolamento, agressividade ou timidez excessiva, e a dimensão da disciplina, responsável pela capacidade de lidar com regras e deveres, relacionada com a necessidade de limites, físicos ou simbólicos, condição básica do desenvolvimento e da aprendizagem.

O crescimento intelectual e emocional são indissociáveis, e a auto-estima é um fator determinante neste processo.

Os professores devem contribuir para a imagem positiva que a criança faz de si mesma, pelo modo como a avaliam, valorizando seus sucessos, relativizando os fracassos, estimulando suas tentativas e iniciativas. As regras devem ser combinadas, compreendidas e aceitas como necessárias a favorecer o convívio social, sendo, então, interiorizadas e obedecidas por decisão pessoal, que conduz a autonomia e ao auto-compromisso. E isto só acontece numa relação de reciprocidade, respeito mútuo e de igualdade de direitos. A observância de regras apenas por obediência ou pelo medo do castigo, sem compreensão das mesmas, não é educativa, pois atemoriza, intimida ou revolta o aluno, prejudicando a sua auto-estima.

Em suma, é importante refletir sobre os efeitos da relação do professor com seus alunos principalmente os não-intencionais mas alcançados, por intermédio do ensino e da interação entre ambos. De fato, a influência do professor sobre os alunos vai além dos conhecimentos e das habilidades que são ensinados. Um bom relacionamento com os alunos, no entanto, não é suficiente para garantir um desempenho satisfatório. O ideal é que as duas instâncias estejam contempladas, relação professor-aluno e um bom desempenho do professor.

Com certeza, sobre esse assunto ainda há muito que ser estudado, pois pesquisar e ressaltar ainda mais a importância de um bom relacionamento entre professor e alunos, conhecer como uma harmoniosa relação de afeto entre ambos torna o aprendizado diferenciado, é de grande utilidade para todos educadores repensarem na sua prática educativa.

Quando os professores realmente se conscientizarem do poderoso papel que a afetividade possui no âmbito escolar, muitos problemas, até então incompreendidos, terão grandes possibilidades de serem desmitificados.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Paulo Nunes. **Educação Lúdica: Técnicas e Jogos Pedagógicos**. 9ed. São Paulo: Loyola, 1998.

ALVES, Nilda & Sgarbi Paulo (orgs). **Espaço e imagens na escola**. Rio de Janeiro: DP &A, 2001.

ANTUNES, Celso. **Alfabetização Emocional, Novas Estratégias**. São Paulo: Augustus Editora, 2000.

BLOOM, Benjamin S.; KRATHWOHL, David R. & MASIA, Bertram B. **Taxionomia de objetivos educacionais: domínio afetivo**. Porto Alegre: Globo, 1976.

BRITO, Márcia Regina F. de. **Atitudes, ansiedade, afeto e matemática**. In Mucio Camargo de Assis e Orly Z. Mantovani de Assis (org.) **Construtivismo e Formação de Professores**. São Paulo: Graf. FE; 2002.

BRUNEER, Jerome S. **O processo de educação**. São Paulo: Nacional, 1974.

DAVIS, Claudia. (et al). **Papel e valor das interações em sala de aula**. Caderno pesquisa. São Paulo: (71) p. 49-54, nov 1989.

DAVIS, C. & OLIVEIRA, Z. **Psicologia na Educação**. São Paulo: Cortez, 1983.

DOLTO, Françoise. **Os caminhos da educação**. 1ed. São Paulo: Martins Fontes, s.d.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

----- . **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HOLANDA, Aurélio Buarque de. **Dicionário Aurélio**. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1986.

*Freire  
Autonomia ?*

LA TAILLE, Yves de. **Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão.** São Paulo: Summus, 1992.

LUCK, H. e CARNEIRO, D. **Desenvolvimento afetivo na escola: promoção, medida e avaliação.** Rio de Janeiro: Vozes, 1983.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Pedagogia de animação.** 2ed. São Paulo: Papirus, 1997.

MARCHAND, Max. **A afetividade do educador.** São Paulo: Summus, 1985

MORALES, Pedro. **A relação professor aluno: o que é, como se faz.** São Paulo: Loyola, 2003.

MORGADO, Maria Aparecida. **Da educação na relação pedagógica: professor – aluno no embate com afetos inconscientes.** São Paulo: Summus, 2002.

MOYSÉS, Lucia. **A Auto-Estima se Constrói Passo a Passo.** São Paulo: Papirus, 2001.

OLIVEIRA, Pêrsio Santos de. **Introdução a Sociologia.** São Paulo: Ática, 1991.

REGO, T. C. **Vygotsky: uma perspectiva histórico cultural da educação.** 2ºed. Petrópolis: Vozes, 1995.

SALTINI, Cláudio J. P. **Afetividade e inteligência: a emoção na educação.** Rio de Janeiro: DP&A. 1997.

SNYDERS, George. **Alunos felizes.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

\_\_\_\_\_. **A alegria na escola.** São Paulo: Manoli, 1998.

TAPIA, Jesus Alonso & FITA, Enrique Cartula. **A motivação em Sala de Aula.** São Paulo: Loyola, 2001.





UNIRIO

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS

ESCOLA DE EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA

DISCIPLINA : MONOGRAFIA II

ALUNO(A): Glauce da Silva Favre

TÍTULO DO TRABALHO MONOGRÁFICO: O afeto na

relação professor - aluno

ORIENTADOR: Maria Angela M. Corrêa

FICHA DE AVALIAÇÃO FINAL

Primeiro avaliador :

Professor convidado: Angela Maria S. Martins

Nota : 10,0 (Dez)

Considerações:

O trabalho de Glauce discute um tema significativo para a docência, o afeto na relação professor-aluno, apresenta uma ótima sistematização de ideias, está bem

redigido e fundamentado teoricamente. Possui  
ideias muito interessantes, na última parte,  
a apresentação do afeto, nas diferentes  
formas de expressão artística, pois a  
obediência é uma forma de arte. Apesar  
de ser a etimologia para a identificação bi-  
bliográfica, pois alguns livros estão  
na monografia não aparecem na biblio-  
grafia. Por fim a última nota 10,0 (dez) de 10.

Segundo avaliador :

Professor orientador : Maria Angela M. Corrêa

Nota: 10,0 (dez)

Considerações:

O enquadramento da última parte do tema é muito  
antigo. Já em outras vezes, ao tentar escrever se deparou  
com as dificuldades em encontrar bibliografia sobre  
o assunto e, diante disso, renuncia e adia para  
o início do trabalho mas, nem este motivo se  
faz buscar o tema.

Entre o início das orientações e o término do  
trabalho, o tempo foi relativamente pequeno mas  
suficiente para refletir e a pensar com um

pouco mais de profundidade, napunto em que  
elegem como a principal luz sobre seu  
exercício profissional - o afeto.

Apluma sua orientação e corrigiu as  
referências bibliográficas.

Terceiro avaliador :

Professor da disciplina Monografia II: Lígia Martha Coelho

Nota : 9,5

Considerações:

Bom trabalho, no geral. No entanto, atente para a ausência  
de autor(es) nas referências e para a formatação das páginas  
páginas e resumo.

#### RESULTADO FINAL

Avaliador 1	Avaliador 2	Avaliador 3	Pontos	Nota final
10,0	10,0	9,5	29,5	9,8

Rio de Janeiro, 09/01/2006

(NOME DO/A ALUNO/A)

## O AFETO NA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO

Monografia de Conclusão de Curso apresentada ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Licenciado em Pedagogia.

Aprovada em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

### BANCA EXAMINADORA

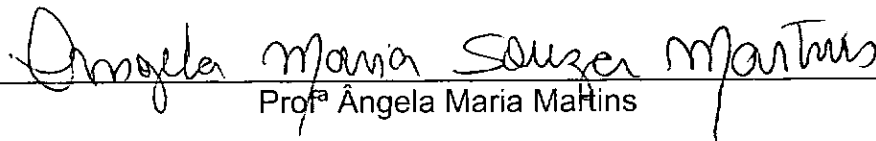


---

Profª Maria Angela Monteiro Corrêa - Orientadora

---

Profª Lígia Martha C. da Costa Coelho



---

Profª Ângela Maria Martins

Rio de Janeiro  
2005

QUADRO RESUMO - ORIENTAÇÕES

Mês Outubro

Dia	4	18	
Observações	Orientações	Orientações	
Professor	<i>[assinatura]</i>	<i>[assinatura]</i>	
Aluno	<i>[assinatura]</i>	<i>[assinatura]</i>	

Mês Novembro

Dia	3	17	
Observações	Orientações	Orientações	
Professor	<i>[assinatura]</i>	<i>[assinatura]</i>	
Aluno	<i>[assinatura]</i>	<i>[assinatura]</i>	

Mês Dezembro

Dia	6	8	15
Observações	Orientação	texto final	Texto final
Professor	<i>[assinatura]</i>	<i>[assinatura]</i>	<i>[assinatura]</i>
Aluno	<i>[assinatura]</i>	<i>[assinatura]</i>	<i>[assinatura]</i>

Mês \_\_\_\_\_

Dia			
Observações			
Professor			
Aluno			

Mês \_\_\_\_\_

Dia			
Observações			
Professor			
Aluno			